



FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA COM A TEMÁTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Edimar Gonçalves da Silva¹

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) edimarkalel@gmail.com

Patrícia Cristina de Aragão Araujo² (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) crisrina-aragao21@hotmail.com

RESUMO: O objetivo principal do presente artigo é analisar os efeitos de verdade que a fotografia pode provocar na relação ensino-aprendizagem diagramada no ensino básico. A metodologia que fundamenta as análises, baseada em uma pesquisa bibliográfica e documental, foi construída através da seleção do conteúdo programático para a aula, assim como a utilização dos aportes teóricos de (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009), (CERTEAU, 2011), (CARDOSO, 1997), (COTRIM, 2012) e (VAINFAS, 1997). As discussões promovidas ao longo do trabalho evidenciam a promoção de uma atividade pedagógica, no sentido de extrair as mudanças de significação do tema provocadas pela interferência ocasionada pelas imagens durante as aulas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Ensino de História, Segunda Guerra Mundial.

INTRODUÇÃO:

A intenção precípua que o presente ensaio se propõe a demonstrar é analisar os efeitos de verdade que a fotografia, enquanto uma legítima fonte histórica, pode provocar na relação ensino-aprendizagem engendrada no ensino básico e, de forma mais precisa na aulas de História do Ensino Fundamental II. Para tanto, antes que se inicie o relato de experiência acerca da sua utilização enquanto ferramenta educacional, faz-se necessário algumas considerações a respeito do percurso histórico das principais noções de documento e fonte histórica, assim como da própria autorização discursiva da fotografia com tal.

¹ Graduando do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

² Professora Dr^a do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

Assim sendo, podemos inferir que os diferentes regimes historiográficos elaboram e operacionalizam as formas de apreensão do passado a partir de diferentes noções teóricas e metodológicas que, de acordo com o seu contexto de produção, fazem emergir distintas significações acerca daquilo que passar a ser considerada uma verdade. Ao analisarmos o regime antigo de historicidade praticado na Grécia antiga, por exemplo, podemos inferir que a noção de verdade histórica estava intimamente ligada aos grandes feitos eivados pelas personalidade tidas como importantes para o futuro das próximas gerações, estabelecendo uma *démarche* entre quem produzia história e quem, nesse sentido, era desimportante às abordagens feitas pelo historiador. As elites produziam então, dentro dessa lógica significativa, as alterações históricas mais plausíveis e dignas de nota. Dessa forma, os discursos aceitos, além de pertencerem exclusivamente aos grupos mais abastados, cumpriam uma função oratória e retórica que era descompromissada como a ideia de argumentação sobre o fato. Eram urdidos nas narrativas historiográficas com a finalidade de darem exemplos a serem seguidos, padrões existenciais a serem apropriados por todos aqueles queiram se igualar aos grandes da história.

Assim como a utilização dos discursos no texto histórico antigo, uma discussão relevante a ser realizada é a que versa pelo conceito de fonte histórica. Como o passado foi apreendido em diferentes temporalidades? Através de quais materiais é possível trazer à tona o passado em diferentes regimes historiográficos? Tais questionamentos dizem respeito às fontes consideradas dignas de apropriação por parte do historiador, a partir de variadas regras de produção historiográfica e, a partir de diferentes conjunturas econômicas, sociais, políticas e culturais que interferiram em pequena ou grande medida nessa regras.

De uma constituição primordialmente literária na Antiguidade, a História, a partir do início do século XIX passa a sofrer modificações em suas regras e métodos de elaboração. A chamada Escola Metódica alemã³ se propõe a deixar de lado esse passado literário do fazer historiográfico e transformá-lo numa ciência dotada de regras de produção própria. A noção de fonte histórica como material responsável pelo resgate do passado, durante esse processo, se estabelece e a verdade agora

³ Movimento historiográfico iniciado por Leopold Von Ranke que, tendo como meta primeira a separação entre História e Filosofia, estava encarregado de analisar as fontes com o necessário rigor.



se concentra estritamente nos documentos que serão utilizados pelos profissionais da História. O professor e historiador Durval Muniz nos diz que:

A busca por tornar a História uma atividade científica passou pela recusa de sua aproximação com a literatura, pela separação entre o fato, nomeado como o objeto por excelência do trabalho do historiador, e a ficção, a imaginação, a poética. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 231)

A verdade agora estaria condensada no documento, o passado poderia ser resgatado de forma integral a partir do trabalho incidido sobre o mesmo pelo historiador. Este não seria nada mais que um pesquisador neutro que, coletaria a história pronta concentrada nos documentos, não criticando-a, não analisando-a. Porém, já no século XX, duas importantes correntes historiográficas iniciariam um trabalho de ampliação da noção de fonte histórica, assim como de crítica às condições de produção do texto historiográfico: A Escola dos Annales⁴ e o Materialismo Histórico⁵ de Karl Marx. Mesmo sendo vistos ainda a partir do estatuto de provas, os discursos a serem analisados comportariam outros grupos sociais e não apenas os das elites partícipes da política, por exemplo. As camadas populares passariam, desde então, a fazer parte da escrita da História.

Com a emergência do pensamento pós-estruturalista⁶, a crítica incidida sobre a composição do documento ganha corpo pois, nesse contexto histórico o estatuto de verdade já havia se transformado radicalmente. O documento seria pois um monumento, ou seja, uma peça não-inocente onde o contexto de produção do mesmo foi responsável pela sua estruturação. O historiador produziria a história, portanto, a partir do seu lugar social, como nos aponta o historiador francês Michel de Certeau:

⁴ Emergido a partir da revista *Annales d' Histoire Economique et Sociale*, tal movimento da historiografia europeia viria revolucionar a forma de se compreender o passado. O uso de novos saberes coadunados com a História e ampliação das abordagens e das fontes históricas utilizadas marcaram os trabalhos dos intelectuais envolvidos em tal tendência historiográfica.

⁵ Paradigma historiográfico emergido no século XIX fundamentado na análise das estruturas políticas, econômicas e sociais como produtoras de constantes lutas entre distintas classes sociais.

⁶ O pós-estruturalismo, enquanto paradigma historiográfico predominante no século XX, amplia de forma veemente a noção de estruturalismo, colocando-o como um produtor de práticas que modelam o sujeito até mesmo de maneira inconsciente, tornando-o um objeto.



Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. (CERTEAU, 2011, p. 47)

Ou seja, o fazer histórico se constitui uma atividade de imensa complexidade. A elaboração de um texto historiográfico nunca é totalmente isenta de parcialidades que agem na sua formatação, mesmo que as práticas de produção estejam diagramadas no sentido de fazê-lo emergir como um documento confiável e pronto a emitir verdades compromissadas com o factual. A própria noção de verdade, certamente, está atrelada às disposições culturais e sociais que a cercam.

METODOLOGIA:

A metodologia escolhida para a realização das análises, fundamentada numa pesquisa bibliográfica e documental, se deu através da seleção do conteúdo programático para a aula, consumido pelos alunos através da exposição oral e da exibição de fotografias referentes ao tema, num movimento de comparação dos dois momentos da atividade pedagógica, no sentido de extrair as mudanças de significação do tema provocadas pela interferência ocasionada pelas imagens.

Dadas as considerações iniciais acerca das diferentes noções de fonte histórica estabelecidas ao longo do tempo, passemos agora ao teor instrumental do presente artigo. Ao ministrar aulas no ensino básico na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rodrigues de Ataíde, procuro, enquanto docente, estabelecer os melhores caminhos que conduzam a aprendizagem dos alunos ao pleno desenvolvimento. Portanto, é necessário a devida apropriação dos materiais pedagógicos disponíveis no sentido de produzir efeitos positivos na produção do conhecimento, no sentido de que os mesmos podem gerar relevantes significados por parte do alunato, em termos de aproximação com as temáticas trabalhadas em sala. Estão inclusos na lista dos principais materiais didáticos que podem aportar o trabalho do discente os textos originais de uma época, uma peça



musical, um poema, uma fotografia, dentre tantos outros.

No caso específico da fotografia, objeto de análise deste trabalho, vários aspectos puderam ser observados durante a exposição da temática da Segunda Guerra Mundial, demonstrando a eficácia de tal material na apropriação realizada pelos discentes do conteúdo abordado. A capacidade de reter na sua composição simbolismos do passado, assim como mecanismos produtores de verdades, o contexto social de produção da mesma, além sua importância pedagógica no sentido de desconstruir versões fantasiosas ou romantizadas acerca de determinados episódios históricos ou mesmo processos históricos complexos e intrincados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise aqui proposta sobre a fotografia enquanto material produtor de verdades e instrumento pedagógico pode ser realizada a partir das aulas ministradas na turma do 9º Ano C, turno vespertino da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rodrigues de Ataíde. O conteúdo programático de História Geral para a série contempla, primordialmente, as discussões que permeiam a construção do século XX, marcado por intensos conflitos ideológicos e políticos que modelaram a organicidade social do mesmo, além de refletirem enormes rupturas no campo da cultura. Um desses conflitos foi a Segunda Guerra Mundial, que pela sua magnitude foi até hoje o maior confronto entre nações já realizado na história humana. A destruição causada pela guerra na economia e na política europeia deixaram feridas marcantes na sociedade da época, colaboraram com novas configurações geopolíticas, transformaram as principais noções de produção artística entre outros aspectos.

Trabalhar a emergência e efetivação de tal evento histórico no Ensino Fundamental II requer do docente amplas preocupações a respeito da exposição-recepção do mesmo, pois diferentes significados podem ser produzidos pelos alunos, tendo em vista que é neste momento, de forma mais precisa no 9º Ano, que eles têm o primeiro contato com o tema. As exposições sobre as causas



que levaram o conflito a se tornar tão sangrento, bem como os principais momentos que compuseram a guerra devem ser promovidas devem ser produzidas no sentido de levar ao aluno uma abordagem crítica sobre o evento, desconstruindo visões romantizadas a seu respeito.

Durante as exposições orais sobre a guerra, foi perceptível um certo entusiasmo dos alunos com relação ao tema. Pareciam estar ávidos a ouvir as informações sobre a guerra, principalmente com relação as batalhas realizadas e aos armamentos pesados que foram utilizados pelos beligerantes envolvidos. A impressão obtida foi a de que a guerra parecia ser um espetáculo de demonstrações de força e apenas isto. Diante da situação visualizada, após as explicações política, econômicas e sociais sobre a guerra, como estratégia didática pensei aprofundar a discussão sobre o tema a partir de fotografias que retratassem os horrores e as destruições provocadas pelos ataques de ambas as partes envolvidas, para que assim novos sentidos sobre o conflito pudessem ser emergidos pelos alunos, ressignificando a noção de guerra a partir dos seus aspectos mais negativos.

Com o cuidado de selecionar as imagens adequadas para a exibição em sala, procurei alguns momentos-chave do conflito, como a invasão alemã à Polônia, onde é possível verificar diversos crimes cometidos contra os poloneses, o bombardeio aéreo alemão da *Luftwaffe* à Inglaterra, a imponente batalha de Stalingrado, local onde centenas de soldados alemães e soviéticos pereceram, os campos de concentração nazistas, que demonstram a suma intolerância humana para com as diferenças, o decisivo dia D e o episódio atômico de Hiroshima e Nagasaki.

Os resultados foram positivos, pois pude constatar um outro olhar por parte daqueles que antes pensavam a guerra através de uma visão teatralizada e centrada na robustez dos tanques de guerra ou armas e explosivos de forte potencial destrutivo. Os alunos, a grande maioria do sexo masculino, puderam através da fotografia, documento indelével sobre o passado, constatar que a guerra possui nos seus mais diversos aspectos a marca da destruição, da perda de vidas humanas, do pouco apreço a dignidade da vida. A composição das fotografias, a mensagem trazida pelas mesmas e decodificada pelos estudantes proporcionaram novos aprendizados para o componente curricular, e também acionaram novos significados para o objeto de estudo.

CONCLUSÃO:

O homem deixa diferentes marcas ao longo da sua trajetória. Marcas que podem estar contidas em uma peça escrita, em um rabisco em uma parede, em uma imagem produzida por uma câmera fotográfica ou de vídeo enfim, qualquer vestígio do passado que possa ser escrutinado pelo historiador é uma marca indelével da participação do homem na instauração de verdades e em suma, na construção da história. Todavia, nem sempre os regimes historiográficos vigentes se posicionaram dessa forma, colocando a ideia de fonte histórica num sentido de amplitude que desse a quaisquer resquícios do passado o estatuto de documento.

Em 1929 Marc Bloch e Lucien Febvre, pedras fundantes da Escola dos Annales, vieram a público com a impactante ideia de alargamento do conceito de fonte histórica. Num universo historiográfico onde até então os estudos sobre o passado se davam a partir de fontes verbais, ampliar a noção de texto para outros materiais antes inutilizados pelos historiadores, certamente, possibilitou novas percepções sobre a produção material do homem. De uma temporalidade antiga onde a escrita da História se dava por meio da descrição dos grandes fatos produzidos pelos ditos grandes homens, a um movimento intelectual que reage a esse tipo de captação do passado, com a iniciativa de reelaborar o conceito de documento, percebemos que a História passou a se preocupar com os individualismos, com as minúcias, com os fragmentos de um passado que pode ser resgatado de forma mais rigorosa em termos metodológicos. Assim como nos diz Ciro Flamarion:

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia, etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador. (CARDOSO, 1997, p. 402)



Um desses vestígios que passaram a ser considerados documentos pela historiografia é a fotografia. Material que absorve experiências de vida, ativa lembranças do passado, compõe memórias de situações importantes, impacta pela sua composição, certamente, pode ser utilizado pelos historiadores como fonte de obtenção de verdades e representações. Uma peça complexa com diferentes significados e que encena a realidade a partir do olhar de quem a produziu. Portanto, a fotografia é dotada de uma rede de significações que compõem a realidade, constituindo-se uma pista de percepção muito maior do que aquilo que os olhos podem ver. A partir da análise histórica, revela minúcias do passado.

É um material interessado, que através do *clic* executado pelo fotógrafo, ou da composição visual construída, por exemplo, pelo diretor de fotografia de um longa-metragem, constitui-se um elemento gerador de silêncios, assim como um legitimador de discursos que são preservados e enquadrados no frame produzido. A fotografia está dentro de um panorama cultural, portanto, deve ser entendida como um elemento formador de verdades inseridas em determinado contexto histórico. Ela deve ser analisada através do seu contexto de produção, pois foi projetada com uma intencionalidade que poderá ser compreendida por meio dos olhares que a observarão de maneira crítica. Configura-se como um signo não-verbal que será interpretado a partir de diferentes visões. Neste caso, necessitando de um significante que dê lógica e sentido a sua composição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. IN: _ PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. (p. 223-249)
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011. (p. 45-63)
- CARDOSO, Ciro Santana Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. IN: _ CARDOSO, Ciro Santana Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.).



Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (p. 401-417)

COTRIM, Gilberto; RODRIGO, Jaime. **Saber e fazer história, 9ª ano.** São Paulo: Saraiva, 2012. (p. 118-137)